

Recebido em 17/10/2023

Aceito em 16/12/2023

DOI:10.26512/emtempos.v22i42.51223

## ARTIGO

# Epidemias de varíola na América Portuguesa: uma análise dos registros históricos

Smallpox epidemics in Portuguese America: an analysis of historical records

*Poliana Orosa Rodrigues*

Mestranda em História Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
<https://orcid.org/0009-0002-7607-9643>

**RESUMO:** O presente artigo busca discutir a ocorrência de epidemias de varíola na América Portuguesa entre os séculos XVI e XVIII, com base em fontes múltiplas, incluindo: as cartas deixadas por missionários da Companhia de Jesus, crônicas, documentos avulsos e cartas pertencentes ao Projeto Resgate – Biblioteca Nacional. Tem-se como objetivo explorar e analisar a ocorrência de registros epidêmicos na colônia portuguesa, buscando destacar a multiplicidade de fontes primárias produzidas no período e sua dinâmica de construção, ressaltando a importância da análise desses registros para a produção de pesquisa em história das epidemias e da doença.

**PALAVRAS-CHAVE:** História das Epidemias. História da Doença. Registros

**ABSTRACT:** This article seeks to discuss the occurrence of smallpox epidemics in Portuguese America between the sixteenth and eighteenth centuries, based on multiple sources, including letters left by missionaries of the Society of Jesus, chronicles, loose documents, and letters belonging to the Resgate Project at the National Library. The aim is to explore and analyze the occurrence of epidemic records in the Portuguese colony, seeking to highlight the multiplicity of primary sources produced in the period and their construction dynamics, highlighting the importance of analyzing these records for the production of research in the history of epidemics and disease.

**KEYWORDS:** History of epidemics. History of Disease. Historical Records.

## Introdução

A questão das epidemias e da cura no ambiente colonial foi objeto de estudo de diversos autores como Ernesto de Souza Campos (1956), Lourival Ribeiro (1971), Dauril Alden e Joseph Miller (1987), Márcia Moisés (1997), Carlos Alberto Miranda (2004), Cristina Gurgel (2010), Ana Carolina Viotti (2012) André Anzolin (2015;2016) e Benedito Carlos Barbosa (2016). Sob diversos ângulos e perspectivas, estes autores se

voltaram para o estudo das epidemias de varíola que assolaram a colônia portuguesa. Com objetivo de contribuir para os estudos sobre a temática apresentada, este artigo tem como foco explorar e analisar a ocorrência de surtos de varíola na América Portuguesa.

Ao sistematizar as epidemias identificadas neste artigo, pretende-se facilitar a identificação desses surtos na colônia portuguesa e propor novas abordagens e cruzamentos de dados sobre o tema. Para a composição do quadro que será apresentado nesta comunicação, foram utilizadas fontes múltiplas, boa parte delas são cartas produzidas pelos homens da Companhia de Jesus, que foram reunidas em coletâneas ao longo dos anos. São elas: *Cartas do Brasil do padre Manoel Danobrega (1549-1560)* (1886); *Cartas do Padre António Vieira coordenadas e anotadas por J. Lúcio d'Azevedo (Tomo I)* (1925); *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta (1554-1594)* (1933); *Cartas avulsas, 1550-1568* (1988). Além destas também serão utilizadas crônicas produzidas por missionários tais quais: *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia do Maranhão e Pará* (1860); a escrita por Fernão Cardim *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, S. Paulo, etc. [...] [...] desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovam de Gouvea escripta em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal* (1847), *História da América Portuguesa* (1976) do Frei Vicente Salvador e a produzida por João Felipe Bettendorf, nomeada *Crônica da missão dos Padres da Companhia de Jesus no Maranhão* (2010). Além da obra produzida por um viajante: *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet* (2007). O período de produção destes itens está majoritariamente situado durante o século XVI.

Outra base de importância para a composição deste estudo são as cartas pertencentes ao Projeto Resgate da Biblioteca Nacional. Usaremos cartas produzidas entre os anos de 1642 e 1799, que tem como temática a notificação de surtos de varíola na América Portuguesa. Além disso, também foram utilizados dois documentos pertencentes a Coleção Morgado de Mateus da Biblioteca Nacional, ambos os manuscritos fornecem dados sobre uma epidemia de varíola em São Paulo. Além de todas as fontes mencionadas, as informações apresentadas neste artigo também levam em consideração os dados analisados na bibliografia pesquisada e referenciada ao final deste trabalho. Levando em consideração todo o exposto, considero importante apresentar o contexto e a chegada da enfermidade ao Brasil.

## A disseminação da varíola

A varíola foi uma doença bastante recorrente ao longo da história, causada por um vírus da família *Poxvirus Variolae* que não precisava de um intermediário para se propagar, o que posteriormente facilitou sua erradicação, na década de 1980. O contágio ocorria através da troca de fluidos ou secreções respiratórias e por objetos contaminados, já que o vírus apresentava relativa resistência ao ambiente (SILVEIRA, 2013, p. 52). A enfermidade contava com um período de incubação que podia variar

entre 12 e 14 dias, os primeiros sintomas podiam incluir: febre, desconforto, vômito, dor nas costas e dor de cabeça (SNOWDEN, 2019, p. 115-116). Após esse período, geralmente havia uma relativa melhora e, posteriormente, surgia o sintoma mais característico: erupções cutâneas. Elas geralmente se espalhavam da mucosa oral, ao rosto até as extremidades do corpo. Por conta das feridas, o doente podia apresentar dificuldades ao engolir, lesões na língua e no céu da boca (SCHATZMAYR, 2001, p. 1527). O aparecimento de pus nesses exantemas podia acarretar delírios, febre intensa e sepse. A morte causada por infecções secundárias era muito comum (SNOWDEN, 2019, p. 120). Quem sobrevivia à doença, tinha imunidade vitalícia, mas a varíola podia gerar sequelas como a desfiguração e perda da visão (SNOWDEN, 2019, p. 119-120).

Existem indícios consideravelmente antigos que remetem a doença, mas pesquisas mais confiáveis atestam sua presença a partir da era cristã, nos relatos do alquimista Ko Hung, na Dinastia Jin, no ano de 340 d.C (TOLEDO JUNIOR, 2004, p. 59); e através da publicação feita pelo médico persa Rhazes em 910 d.C, que descrevia e diferenciava os sintomas da varíola e do sarampo (BEHBEHANI, 1983, p. 456). A varíola se fez recorrentemente presente na Ásia, África e Europa durante muitos séculos, no continente europeu, a doença se desenvolveu com mais intensidade na época moderna (FENNER; HENDERSON; *et al*, 1988). O avanço da moléstia nos centros urbanos europeus entre os séculos XVII e XVIII, pode ser relacionado com as grandes transformações vividas no que diz respeito à circulação de pessoas. A Expansão Ultramarina e o avanço do comércio transoceânico alavancaram sua transmissão, espalhando-se para outros continentes por meio da colonização europeia. A presença da enfermidade nos domínios ibéricos foi particularmente importante pois ocasionou a importação da doença para o Novo Mundo (FENNER; HENDERSON; *et al*, 1988, p. 229).

A chegada da varíola ao Brasil se deu exclusivamente pelo processo de colonização, já que os registros da paleopatologia não indicam a presença da doença em solo americano antes da chegada dos europeus (SOUZA; ARAUJO; FERREIRA, 1994, p. 28-29). De acordo com Dauril Alden e Joseph Miller, a varíola teria sido uma das principais causas de mortalidade durante a colonização das Américas (ALDEN; MILLER, 1987, p. 195). Para André Anzolin, os surtos da enfermidade teriam sido um grande vetor para o declínio populacional tupi durante o século XVI (ANZOLIN, 2015, p. 22). Isso porque as populações indígenas não possuíam a memória imunológica necessária para combater a doença (SOUZA; ARAUJO; FERREIRA, 1994, p. 28-29).

No que diz respeito ao espalhamento da doença, levaremos em consideração a tese desenvolvida por Dauril Alden e Joseph Miller. Para os autores, a dispersão de pessoas na colônia portuguesa causada pela longa extensão de território pode ter contribuído para que a varíola levasse algum tempo para se disseminar (ALDEN; MILLER, 1987, p. 214). É compreensível, portanto, que a varíola se agravasse conforme a colonização – e, por conseguinte, o adensamento populacional – se desenvolvia. Lourival Ribeiro também observa que a disseminação de doenças seguiu o

ritmo do povoamento, propagando-se conforme a ocupação avançava (RIBEIRO, 1971, p. 15).

A historiografia diverge sobre a ocorrência da primeira epidemia de varíola no Brasil Colônia. Cristina Brandt Friedrich Martin Gurgel e Camila Pereira da Rosa analisam que é possível que o fracasso do projeto da França Antártica também tenha se dado pela incidência das bexigas em 1555 (GURGEL; ROSA, 2012, p. 390); o argumento das autoras remete ao livro de Donald R. Hopkins, intitulado *Princes and Peasants: Smallpox in History* (HOPKINS, 1983, p. 213-214). A obra de referência para Hopkins foi o livro *Aesculapius in Latin America* escrito por Aristides A. Moll, no entanto, a obra só cita a ocorrência da epidemia em seu apêndice, sem esclarecer as referências utilizadas (MOLL, 1944, p.512). Já Lourival Ribeiro, atribui a primeira epidemia ao ano de 1561, cuja referência estaria narrada em uma carta escrita pelo padre Anchieta (RIBEIRO, 1971, p. 16). Dauril Alden e Joseph Miller observam que ela teria ocorrido no ano seguinte, em 1562, tendo início em Salvador, oriunda da contaminação de uma embarcação portuguesa. As fontes utilizadas pelos autores para justificar essa afirmação seriam também as cartas jesuíticas (ALDEN; MILLER, 1987, p. 199). André Soares Anzolin também defende a narrativa de Dauril Alden e Joseph Miller, ao afirmar que a epidemia de 1562 teria tido efeitos catastróficos sobre os nativos, utilizando-se das mesmas fontes (ANZOLIN, 2015, p. 22).

Apesar dos relatos acima evidenciados, nesta análise, foi possível chegar a um outro registro, anterior aos citados. Em um escrito datado de 1551, segundo Azpilcueta Navarro – autor da coletânea de cartas jesuítas –, uma carta escrita pelo padre Affonso Braz, do porto do Espírito Santo, fazia referência à varíola. Segundo Navarro, o padre “fala de mortífera epidemia ou peste de bexigas que dizimou o gentio do Espírito Santo, ‘os quaes morriam a montes” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931 p. 88-89). O que proponho aqui é reunir relatos que mencionam diretamente a enfermidade, ou características e sintomas que levem a crer (de acordo com os registros da época) que se tratava de varíola. O relato indicado pelo autor da coletânea pode indicar que a doença se fazia presente na América Portuguesa antes do período analisado pelos autores mencionados acima, já que a doença reinava sobre o território lusitano e na Europa no período.

Em Portugal, há indícios de que epidemias de varíola estivessem ocorrendo em 1507, mas o conflito nas descrições com o sarampo deixa dúvidas. Sabe-se, através dos registros, que um surto da doença teria ocorrido no ano seguinte (1508) (GURGEL, 2010, p. 78). Em *Smallpox and its eradication* (1988) é mencionado que as epidemias da enfermidade causadas entre os anos de 1562-1563 no território colonial teriam como causa embarcações lusitanas (FENNER; HENDERSON; *et al*, 1988, p. 237). De acordo com Cristina Brandt Friedrich Martin Gurgel, dentre as doenças mais comumente vistas dentro das embarcações ibéricas estava a varíola (GURGEL, 2010, p. 85). O continente africano também é de grande importância para entendermos o espalhamento da doença na colônia, já que devido ao comércio de escravizados que marcou todo o período, a moléstia parece ter sido reintroduzida continuamente por meio dos portos (FENNER; HENDERSON; *et al*, 1988, p. 233).

Dauril Alden e Joseph Miller mostram que o Novo Mundo recebeu escravizados cujo local de origem eram potenciais disseminadores da doença, como a Alta Costa da Guiné, no século XVI; Angola, no início do século XVII; e Costa da Mina, no decorrer do mesmo século. Já no setecentos, se destacam as áreas hoje pertencentes ao Togo e o Benin, além do sudoeste da Nigéria; e, no final do século XVIII, a região que atualmente corresponde a Moçambique (ALDEN; MILLER, 1987, p. 195-196). O trabalho proposto pelos autores é consideravelmente relevante para observar a disseminação da doença, já que descrevem uma série de surtos. Embora o tráfico de escravizados tenha de fato contribuído para disseminação da doença, não foi o único. Diversas epidemias, especialmente no primeiro século, foram ocasionadas pelo processo de colonização: com a chegada de navios vindos da metrópole, com a movimentação dos jesuítas, a presença francesa e com conflitos (como da invasão holandesa). E não exclusivamente ou majoritariamente através do tráfico de escravizados. Além disso, a própria disseminação da varíola na África foi agravada pela presença europeia no continente (FENNER; HENDERSON; *et al*, 1988, p. 233). Os portos parecem ter sido os espaços fundamentais para a disseminação da doença.

### As bexigas nos registros históricos

Levando em consideração o que foi exposto até aqui, temos um parecer considerável sobre como a doença se manifestava e desenvolvia, além de como ela chegou até a América Portuguesa. A partir daqui, levaremos em consideração os registros sobre as epidemias da moléstia. Boa parte da documentação primária (citada no início deste artigo) faz referência a surtos de varíola nos séculos XVI e XVII, e pertencem a cartas ou outros documentos produzidos pelos homens da Companhia de Jesus. Trata-se de coletâneas e cartas avulsas que registraram o cotidiano do trabalho dos inacianos na colônia portuguesa. No primeiro século da colonização, a presença dos jesuítas se fez constante e seu papel era fundamental no contato e conversão dos povos originários, a proximidade de ambos contribuiu para disseminação e espalhamento da varíola. A interação desses grupos estimulou o contágio e fez com que as epidemias fossem amplamente narradas nos documentos deixados por esses padres (ANZOLIN, 2016, p. 275-276). Nesses registros encontram-se não só menções às epidemias, mas também às dinâmicas curativas propostas entre os padres e os indígenas, ao local onde ocorreram, a extensão dos surtos, suas consequências e outros desdobramentos.

Também serão utilizadas diversas crônicas produzidas por padres e missionários durante o período da colonização (CARDIM, 1847; MORAES, 1860; VASCONCELOS, 1865; SALVADOR, 1976; BETTENDORF, 2010). Além da publicação feita por Anthony Knivet, que traz o relato do corsário sobre o período em que esteve no Brasil no século XVI (KNIVET, 2007). Outro documento que nos auxiliará a reconstituir os períodos epidêmicos desse período é uma troca de cartas pertencentes à Coleção Morgado de Mateus, da Biblioteca Nacional. Essa coleção reúne cartas referentes a uma denúncia e disputa entre o governador Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão e o tenente Manuel Álvares de Afonseca em maio de 1768, o tenente era acusado de manter uma

moça doente em sua casa meio a surto epidêmico da doença em São Paulo (Biblioteca Nacional/RJ – Coleção Morgado de Mateus).

Outro conjunto de fontes primárias bastante relevante para este trabalho são as cartas pertencentes ao fundo do Projeto Resgate – Biblioteca Nacional. O Projeto Resgate tem no total 94 documentos primários que remetem a epidemias de varíola. A distribuição dessas menções, entretanto, se dá de modo diferente, já que em alguns casos se utiliza do termo ‘bexigas’ e em outros utiliza-se o termo varíola. O uso de ‘bexigas’ relacionado a varíola neste período é relativamente comum, inclusive, na maioria dos documentos jesuíticos é assim que a moléstia é mencionada. De acordo com um célebre dicionário do período, *Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (1789)*, o termo se referia a uma “espécie de empola que se ergue sobre a cutis, cheia de um humor acre, e corrosivo, em geral se usa no plural v.g., teve bexigas.” (BLUTEAU, 1798, p. 180). Na tabela a seguir podemos notar a listagem de ocorrências para o termo, levando em consideração a quantidade de vezes que foi mencionada e em quais anos. A tabela está organizada em ordem crescente de documentos na busca:

**Tabela 1: Ocorrências para o termo ‘bexigas’ no Projeto Resgate da Biblioteca Nacional**

Região	Ano	Ocorrências
Pará	1616 – 1833	27
Maranhão	1614 – 1833	22
São Paulo	1618 – 1823	10
Bahia	1613 – 1807	9
Rio de Janeiro (Avulsos)	1614 – 1830	7
Rio de Janeiro	1617 – 1757	4
São Paulo (Avulsos)	1644 – 1830	4
Bahia (Avulsos)	1604 – 1828	2
Goiás	1731 – 1822	2

Minas Gerais	1680 – 1832	2
Paraíba	1593 – 1826	2
Bahia (Luísa de Fonseca)	1599 – 1700	1
Pernambuco	1590 – 1826	1
Rio Grande do Norte	1623 – 1823	1
<b>Total</b>		<b>94</b>

**Fonte:** Biblioteca Nacional/RJ – Projeto Resgate, Conselho Ultramarino.

A distribuição dessas menções, entretanto, se dá de modo diferente. A maior parte das que ocorrem no Pará, são relativas ao século XVIII e XIX, por exemplo. Se analisarmos essas fontes, levando em consideração a ordem cronológica, a tabela estaria em nova configuração. Organizei este esquema em nova tabela abaixo, cuja ordem ainda se refere ao total de ocorrências, mas agora levando em consideração os séculos em que ocorreram:

**Tabela 2: Ordem cronológica dos registros epidêmicos de acordo com as buscas do termo “bexigas” no Projeto Resgate da Biblioteca Nacional.**

Região	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Total de Ocorrências
Pará	-	-	11	16	27
Maranhão	-	1	12	9	22
São Paulo	-	1	3	6	10
Bahia	-	-	4	5	9
Rio de Janeiro (Avulsos)	-	6	-	1	7
Rio de Janeiro	-	-	4	-	4
São Paulo (Avulsos)	-	-	1	3	4

Bahia (Avulsos)	-	-	2	-	2
Goiás	-	-	-	2	2
Minas Gerais	-	-	-	2	2
Paraíba	-	-	-	2	2
Bahia (Luísa de Fonseca)	-	1	-	-	1
Pernambuco	-	-	1	-	1
Rio Grande do Norte	-	-	1	-	1
<b>Total</b>	-	9	39	46	94

**Fonte:** Biblioteca Nacional/RJ – Projeto Resgate, Conselho Ultramarino.

Observamos assim que na documentação referente ao Conselho Ultramarino, disponibilizada online pelo Projeto Resgate da Biblioteca Nacional, não há referências às bexigas no século XVI. Quando levamos em consideração a busca pelo termo varíola, há menos ocorrências, mas a região mais mencionada ainda é localizada no Norte Colonial:

**Tabela 3: Ocorrências para o termo ‘varíola’ no Projeto Resgate da Biblioteca Nacional.**

Região	Ano	Ocorrências
Maranhão	1614 – 1833	7
Bahia	1613 – 1807	4
São Paulo	1618 – 1823	1
Códices <sup>1</sup>	1548 – 1821 / 1671 – 1833	1

<sup>1</sup> Os Códices se referem a livros de registros de provisões do Conselho Ultramarino. Ver: Biblioteca Nacional/RJ – Projeto Resgate: Livro de registro de provisões do Conselho Ultramarino, **Conselho Ultramarino**, 1802-1807, Provisões, Cod. 110. Disponível em: <<http://resgate.bn.br/doctreader/CODICES/67915>>. Acesso: 18 de abril de 2023.

Total:	13
--------	----

**Fonte:** Biblioteca Nacional/RJ – Projeto Resgate, Conselho Ultramarino.

Quando buscamos a distribuição desses registros em relação à data de suas produções, assim como fizemos na tabela dois, temos o seguinte cenário:

**Tabela 4: Ordem cronológica dos registros epidêmicos de acordo com as buscas do termo “varíola” no Projeto Resgate da Biblioteca Nacional.**

Região	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Total de Ocorrências
Maranhão	-	-	-	7	7
Bahia	-	-	-	4	4
São Paulo	-	-	-	1	1
Códices	-	-	-	1	1
Total	-	-	-	13	13

**Fonte:** Biblioteca Nacional/RJ – Projeto Resgate, Conselho Ultramarino.

Como se percebe, a maior parte destas fontes primárias foi produzida no século XIX. É plausível presumir que o uso do termo varíola, sendo mais recorrente nos oitocentos, não seja uma coincidência, podendo estar relacionado à publicação da descoberta da vacina antivariólica no final do século XVIII e aos incentivos para sua circulação no século seguinte<sup>2</sup>.

De acordo com Ana Canas Delgados Martins, boa parte dos arquivos relativos ao Brasil que chegaram até nós está ligada à metrópole e outras comunidades. Eles eram administrados pelos mesmos organismos em Lisboa, de forma conjunta, mas “atendendo à informação variável transmitida a partidas das entidades administrativas e de governo nas colônias” (MARTINS, 2018, p. 40). Elas estavam concentradas principalmente no Conselho Ultramarino, que começou a operar entre 1642 e 1643, e através da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e dos Domínios Ultramarinos, que teve início em 1736. Para a autora, estas duas instituições constituíram os eixos da administração colonial portuguesa central sobre o Brasil (MARTINS, 2018, p. 40). Parte essencial desses arquivos é o que compõe a estrutura do fundo arquivístico que hoje conhecemos como Conselho Ultramarino,

<sup>2</sup> Sobre a descoberta da vacina antivariólica e sua chegada ao Brasil, ver: FERNANDES (2010).

disponível no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa e no Projeto Resgate da Biblioteca Nacional. O início da operação a partir do século XVII, explica a ausência de documentos no primeiro século da colonização. Se não tivéssemos essa informação, seríamos levados à conclusão de que não havia indicativos da doença na América Portuguesa no século XVI. Graças aos diversos registros produzidos pelos padres da Companhia de Jesus, sabemos que a ausência da informação do fundo do Projeto Resgate não significa que ela não tenha existido naquele período. Se observarmos os documentos como um todo, temos 107 registros que se referem à circulação da varíola no Brasil. Se desconsiderarmos a divisão dos remetentes, como no caso do Rio de Janeiro onde temos dois tópicos de ocorrências: Projeto Resgate - Rio de Janeiro Avulsos (1614-1830) e Projeto Resgate - Rio de Janeiro Eduardo de Castro e Almeida (1617-1757), e levarmos em consideração apenas as regiões, teríamos a seguinte organização documental: o maior índice de registros sobre a doença no século XVII vem do Rio de Janeiro, no século XVIII temos o Maranhão e no século XIX o Pará.

Percebe-se assim que o cruzamento de dados é de suma importância para que possamos construir um panorama sobre a incidência da varíola na América Portuguesa. Ao unir os registros reunidos pelas fontes primárias e os indicados pela historiografia, nota-se que a presença da doença se fez significativa durante a colonização. Mesmo assim, é possível que a doença se fizesse muito mais constante do que sabemos. Pode haver outros surtos que não foram noticiados ou que sejam mencionados em outros tipos de documentos aos quais ainda não tivemos acesso, cuja gravidade não possibilitou o registro ou até mesmo que a documentação não tenha chegado até nós.

Através da leitura das fontes e de vasta bibliografia, foi possível construir uma tabela contendo as epidemias de varíola ocorridas na América Portuguesa entre os anos de 1500-1799. O recorte cronológico se baseia em alguns aspectos: a expulsão dos jesuítas e os trâmites da chegada da vacina antivariólica, limitando-se assim aos séculos XVI ao XVIII. O quadro leva em consideração o ano da menção à doença e o local, além disso, para facilitar a compreensão utilizei-me da divisão atual dos estados e não as capitanias. Procuro levar em consideração o fato de que diversos surtos não têm local especificado e estão apontados como tal na tabela. Tendo em vista tudo o que foi dito chegamos ao seguinte cenário:

**Tabela 5: Epidemias de varíola na América Portuguesa.**

Ano	Local
1551	Espírito Santo
1555	Rio de Janeiro
1560	Rio de Janeiro

1561	São Paulo
1562	Bahia e Pernambuco
1563	Espírito Santo; Bahia; São Paulo
1564	Espírito Santo; Bahia; São Paulo
1565	Espírito Santo; São Paulo
1584	Não especificado
1585	Não especificado
1597	Paraíba; não especificado
1599	Rio de Janeiro
1613	Rio de Janeiro
1616	Não especificado
1621	Pernambuco; Maranhão
1626	Espírito Santo
1631	Não especificado
1641	Bahia; Rio de Janeiro; Pernambuco
1642	Pernambuco; Rio de Janeiro; não especificado
1644	Rio de Janeiro
1647	Bahia
1652	Maranhão
1661	Maranhão
1662	Maranhão; não especificado

1663	Não especificado
1664	Não especificado
1665	Maranhão; não especificado
1666	São Paulo; Rio de Janeiro; Pernambuco Não especificado
1667	Pernambuco; Salvador; não especificado
1680	Bahia; não especificado
1681	Bahia; não especificado
1682	Pernambuco
1683	Não especificado
1684	Não especificado
1690	Bahia
1693	Rio de Janeiro; Pernambuco
1695	Rio Grande do Sul; Maranhão; São Paulo
1696	Maranhão
1698	Maranhão
1700	São Paulo
1715	Pernambuco
1720	Não especificado
1724	Pará; Maranhão; São Paulo
1725	Pará; Maranhão; São Paulo

1726	Pará; Rio de Janeiro
1727	Rio de Janeiro
1730	Bahia
1731	São Paulo
1743	Pará
1744	Maranhão
1748	Pará
1749	Pará; Maranhão; não especificado
1750	Pará; Maranhão; não especificado
1762	Maranhão
1763	Maranhão
1767	Maranhão
1768	São Paulo
1769	Maranhão
1774	Não especificado
1775	São Paulo; Pernambuco
1776	Pará; Pernambuco
1777	Pará; Bahia
1778	Pará; Maranhão
1779	Bahia
1780	São Paulo

1784	Maranhão
1789	Maranhão
1791	Rio Grande do Norte
1794	Pará
1795	Pará
1797	Pará
1798	Pará
1799	Maranhão; Rio de Janeiro

**Fonte:** Tabela construída através das fontes documentais e referências bibliográficas mencionadas ao fim deste artigo.

De acordo com os dados reunidos temos: doze menções à doença no século XVI, vinte e sete para o século XVII e por fim sessenta e sete citações para o século XVIII. No total, somam-se cento e seis registros relacionados à varíola. A partir deste cenário, é possível tecer algumas hipóteses. A primeira é que a enfermidade esteve plenamente difusa durante a colonização portuguesa na América. A segunda hipótese desemboca por dois possíveis caminhos, a primeira é de que as bexigas avançaram conforme a colonização avançou como propuseram alguns autores como Lourival Ribeiro, Dauril Alden e Joseph Miller (ALDEN; MILLER, 1987, p. 214; RIBEIRO, 1971, p. 15). Ao observar os números percebemos que a teoria dos autores é absolutamente plausível, mas também há de se levar em consideração um outro fator: a limitação de fontes dos primeiros séculos. O que proponho aqui é que seja possível que o aumento populacional e a ampliação de movimentação no território sejam razões plausíveis para que tenha havido mais epidemias no século XVIII. Mas ao mesmo tempo, também é preciso levar em consideração qual era a proporção de documentação produzida nos séculos anteriores para embasar essa afirmação.

Do mesmo jeito que se pode afirmar que a incidência de epidemias no século XVIII é relacionada aos dois fatores elencados acima, também é possível propor que durante os séculos XVII e XVIII, especialmente o último, houve um aumento de produção de documentação colonial. Por exemplo, o início da produção de documentos que hoje chamamos de Projeto Resgate. Enquanto isso, nos primeiros séculos, embora houvesse registros da metrópole, boa parte da documentação que chegou até nós sobre as epidemias de varíola que ocorreram na América Portuguesa, foram feitas pelos homens da Companhia de Jesus. As distâncias e as dificuldades do além-mar e da pouca povoação europeia podem ter sido fatores que contribuíram para que chegassem

a nós menos conjuntos documentais sobre a doença. Isso sem mencionar, os que podem ter se perdido.

## Conclusão

Em um ensaio recente, Simona Cerutti se propôs a analisar as ambiguidades e problemas teóricos da história social e cultural. A historiadora italiana propôs que a convergência entre essas duas linhas historiográficas permitia uma compreensão mais complexa e completa dos objetos históricos em seus contextos sociais e culturais (CERUTTI, 2021) Assim como ela, proponho que o estudo das doenças e das epidemias na América Portuguesa tem de levar em consideração a multiplicidade de fontes primárias produzidas no período, mas também sua dinâmica de construção. Ao mesclá-las, é possível obter uma visão mais integrada e clara de como esses documentos foram sendo construídos ao longo do tempo, e assim tecer um quadro sobre a incidência da varíola na América Portuguesa.

O rastreo dessas epidemias através dos registros documentais que alcançaram os dias de hoje nos ajudam a compreender como as doenças atingiam muito mais do que somente os corpos (ROSENBERG, 1992, p. 306). Afetavam as emoções, causando medo e pavor, mobilizavam as crenças religiosas e cosmologias, alteravam as redes de sociabilidade, afetaram a economia e prejudicaram o avanço da empreitada colonial de diversas maneiras. Elas contribuem para o aprofundamento de diversas temáticas no campo da história da ciência e das doenças.

## Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (org.). *Cartas avulsas: 1550-1568*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1931.

ALDEN, Dauril; MILLER, Joseph. Out of Africa: the slave trade and the transmission of smallpox to Brazil. *Journal of Interdisciplinary History: Cambridge*, v.18, n.2,1987.

ANCHIETA, José de. *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J.:(1554-1594)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1933.

ANZOLIN, A. S. Entre mortes e lembranças: Notas sobre as reações dos Tupi à pandemia de varíola de 1562-64. *Revista Latino-Americana de História*, v.3, 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/481>. Acesso: 07 de junho de 2023.

ANZOLIN, A. S. As doenças como exempla: epidemias e mortes nas cartas do jesuíta José de Anchieta. *Cadernos de História*, v. 17, n. 27, p. 274-288, 30 out. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2016v17n27p274>. Acesso: 07 de junho de 2023.

BARBOSA, Benedito Carlos Costa. O comércio de africanos e o flagelo das bexigas na Amazônia colonial (1707-1750). In: PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio (org). *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

BEHBEHANI, A M. The smallpox story: life and death of an old disease. *Microbiological Reviews*, [S.L.], v. 47, n. 4, p. 455-509, dez. 1983.

BETTENDORF, João Felipe, SJ. *Crônica da missão dos Padres da Companhia de Jesus no Maranhão*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

BORGES, V. R. A peleja contra uma epidemia de varíola negra e possíveis aproximações com o tempo da pandemia da covid-19. *Temporalidades*, v.2, p.38-67, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/23962>. Acesso: 07 de junho de 2023.

CALAINHO, Daniela Buono. Norma e práxis na medicina luso-brasileira setecentista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética*. Fortaleza: ANPUH, 2009.

CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. *Tempo [online]*. 2005, v. 10, n. 19, p. 61-75. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042005000200005>. Acesso: 07 de junho de 2023.

CAMPOS, Ernesto de Souza. “Considerações sobre a ocorrência da varíola e vacina no Brasil nos séculos XVII, XVIII e XIX: vistas sobre a luz de documentação coeva”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 231, abril-junho, 1956.

CARDIM, Fernão. *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, S. Paulo, etc. [...] desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovam de Gouvea escripta em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847.

CARVALHO, L. D.; SALLES, W. D. Varíola, tabaco e sistemas atlânticos: as causas da ascensão da Costa da Mina e queda de Angola no comércio negreiro na segunda metade do século XVII. *Revista Brasileira do Caribe (Impresso)*, v.17, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=159148014011>. Acesso: 07 de junho de 2023.

CHAMBOULEYRON, Rafael et al. 'Formidável contágio': epidemias, trabalho e recrutamento na Amazônia colonial (1660-1750). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.4, out-dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000400002>. Acesso: 07 de junho de 2023.

CERUTTI, Simona. Microstoria: relações sociais versus modelos culturais? Algumas reflexões sobre estereótipos e práticas históricas. In: CARNEIRO, Daivy e VENDRAME, Máira (orgs.). *Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021, p. 39-58

COLEÇÃO MORGADO DE MATEUS. *Biblioteca Nacional*. Jacareí, São Paulo, 09 de maio de 1768, 2p. I-30,14,017 – Manuscritos. <[http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=66182](http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=66182)> Acesso: 07 de junho de 2023.

COLEÇÃO MORGADO DE MATEUS. *Biblioteca Nacional*. Jacareí, São Paulo, 08 de maio de 1768, 1p. I-30,21,004 n°001 – Manuscritos. <[http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=61001](http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=61001)> Acesso: 07 de junho de 2023.

FAGUNDES, F. R. R. As práticas de cura africanas, que viajaram nas redes de informações do Império Ultramarino Português: final do século XVIII e início do século XIX. In: *V Seminário Fluminense de Pós-Graduandos em História*, 2017.

FENNER F, Henderson D, Arita I, Jezek Z, Ladnyi ID. The history of smallpox and its spread around the world. In: Fenner F, Henderson D, Arita I, Jezek Z, Ladnyi ID, editors. *Smallpox and its eradication*. Geneva: WHO; 1988.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Sobre feitiços e ritos: enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis (século 17). *Varia Historia*, [S.L.], v. 21, n. 33, p. 163-185, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752005000100008>. Acesso: 07 de junho de 2023.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Em busca da saúde das almas: medicina e missão nas reduções jesuítico-guaranis. *Estudos de História*, Franca, São Paulo, v.13, n.1, p.117-148, 2006.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. A cura do corpo e a conversão da alma - conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII. *Topoi (Rio de Janeiro)*, [S.L.], v. 5, n. 8, p. 71-95, jun. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X005008002>. Acesso: 07 de junho de 2023.

GURGEL, C. *Doenças e Curas. O Brasil nos Primeiros Séculos*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

GURGEL, Cristina Brandt Friedrich Martin; ROSA, Camila Pereira da. História da medicina: A varíola no Brasil colonial (séculos XVI e XVII). *Revista de Patologia Tropical*, vol. 41(4), out- dez, 2012.

HERSON, Bella. *Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500-1850)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

HOPKINS, Donald R. *Princes and Peasants*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1983.

KNIVET, Anthony. *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LEITE, SERAFIM. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938.

LEVI, GUIDO CARLOS; KALLAS, ESPER GEORGES. 'Varíola, sua prevenção vacinal e ameaça como agente de bioterrorismo'. In: *Rev. Assoc. Med. Bras.*, São Paulo, v. 48, n. 4, Dec. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302002000400045>. Acesso: 07 de junho de 2023.

LÉPINE, Claude. *Os dois reis do Danxome: varíola e monarquia na África ocidental: 1650-1800*. São Paulo: Fapesp, 2000.

MARTINS, Ana Canas Delgado. A documentação do Conselho Ultramarino como patrimônio arquivístico comum: subsídios à sua história. *Revista Brasileira de História*, [S.L.], v. 38, n. 78, p. 39-54, ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472018v38n78-02>. Acesso: 07 de junho de 2023.

MECENAS, A. "A doença do corpo enche os adros e a doença da alma, os infernos": práticas de cura no sertão da América Portuguesa (1690-1702). *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, v.17, p.73-90, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v9i17.417>. Acesso: 07 de junho de 2023.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura*. 3. ed. Recife: Editora Ufpe, 2017.

MOLL, Aristides A. *Aesculapius in Latin America*. Philadelphia e Londres: W.B Saunders Company, 1944.

MORAES, José. *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia do Maranhão e Pará*. Rio de Janeiro: Typographia do Commercio, de Brito & Braga, 1860.

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil do padre Manoel Danobrega (1549-1560)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Bahia, 20 de junho de 1681. AHU-ACL\_CU\_005, Cx. 25, d. 3006. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/005\\_BA\\_LF/13847](http://resgate.bn.br/docreader/005_BA_LF/13847). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Bahia, 23 de outubro de 1730. AHU-ACL\_CU\_005, Cx. 37, d. 3418. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/005\\_BA\\_AV/23763](http://resgate.bn.br/docreader/005_BA_AV/23763). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Bahia, 18 de fevereiro de 1777. AHU-ACL\_CU\_005, Cx. 50, d. 9320. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/005\\_BA\\_CA/24526](http://resgate.bn.br/docreader/005_BA_CA/24526). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Bahia, 4 de abril de 1777. AHU-ACL\_CU\_005, Cx. 50, d. 9363. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/005\\_BA\\_CA/24602](http://resgate.bn.br/docreader/005_BA_CA/24602). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Bahia, 15 de janeiro de 1779. AHU-ACL\_CU\_005, Cx. 53, d. 10067. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/005\\_BA\\_CA/25837](http://resgate.bn.br/docreader/005_BA_CA/25837). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 9 de dezembro de 1696. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 9, d. 928. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/5552](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/5552) Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 30 de novembro de 1744. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 28, d. 2885. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/18454](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/18454). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 20 de junho de 1767. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 42, d. 4178. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/28580](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/28580) Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 5 de março de 1769. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 43, d. 4244. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/29019](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/29019). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 19 de maio de 1788. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 71, d. 6162. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/48917](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/48917) Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 3 de junho. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 71, d. 6166. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/48950](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/48950). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 29 de outubro de 1788. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 72, d. 6257. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/49593](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/49593). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 22 de janeiro de 1789. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 73, d. 6287. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/50031](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/50031). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 26 de janeiro de 1789. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 73, d. 6293. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/50074](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/50074). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Maranhão, 2 de dezembro de 1799. AHU-ACL\_CU\_009, Cx. 108, d. 8488. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/009\\_MA/70222](http://resgate.bn.br/docreader/009_MA/70222). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 2 de setembro de 1725. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 9, d. 757. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/5520](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/5520). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 8 de setembro de 1725. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 9, d. 768. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/5582](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/5582). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 13 de setembro de 1726, AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 9, d. 855. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/6201](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/6201). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 26 de abril de 1749. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 31, d. 2910. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/19918](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/19918). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 4 de novembro de 1776. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 76, d. 6350. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/48176](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/48176). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 15 de setembro de 1777. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 77, d. 6449. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/49148](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/49148). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 11 de fevereiro de 1778. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 79, d. 6536. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/49944](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/49944). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 18 de julho de 1794. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 104, d. 8248. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/65545](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/65545). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 5 de maio de 1795. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 105, d. 8305. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/65968](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/65968). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 12 de fevereiro de 1797. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 108, d. 8538. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/68027](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/68027). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pará, 3 de outubro de 1798. AHU-ACL\_CU\_013, Cx. 113, d. 8788. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/013\\_PA/71310](http://resgate.bn.br/docreader/013_PA/71310). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Pernambuco, 22 de março de 1776. AHU-ACL\_CU\_15, Cx. 122, d. 9308. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/015\\_PE/89805](http://resgate.bn.br/docreader/015_PE/89805). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1642. AHU-ACL\_CU\_17, Cx. 2, d. 107. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/017\\_RJ\\_AV/818](http://resgate.bn.br/docreader/017_RJ_AV/818). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1644. AHU-ACL\_CU\_17, Cx. 2, d. 116. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/017\\_RJ\\_AV/856](http://resgate.bn.br/docreader/017_RJ_AV/856). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 10 de março de 1666. AHU-ACL\_CU\_17, Cx. 4, d. 362. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/017\\_RJ\\_AV/2653](http://resgate.bn.br/docreader/017_RJ_AV/2653). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 12 de março de 1666. AHU-ACL\_CU\_17, Cx. 4, d. 363. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/017\\_RJ\\_AV/2657](http://resgate.bn.br/docreader/017_RJ_AV/2657). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1693. AHU-ACL\_CU\_17, Cx. 6, d. 565. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/017\\_RJ\\_AV/4139](http://resgate.bn.br/docreader/017_RJ_AV/4139). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1693. AHU-ACL\_CU\_17, Cx. 6, d. 567. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/017\\_RJ\\_AV/4153](http://resgate.bn.br/docreader/017_RJ_AV/4153). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. Rio Grande do Norte, 29 de abril de 1791. AHU-ACL\_CU\_18, Cx. 8, d. 483. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/018\\_RN/4576](http://resgate.bn.br/docreader/018_RN/4576). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. São Paulo, 29 de novembro de 1775. AHU-ACL\_CU\_023, Cx. 7, d. 400. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/023\\_SP\\_AV/3614](http://resgate.bn.br/docreader/023_SP_AV/3614). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. São Paulo, 24 de dezembro de 1696. AHU-ACL\_CU\_023-01, Cx. 1, d. 46. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/023-1\\_SP\\_MG/268](http://resgate.bn.br/docreader/023-1_SP_MG/268). Acesso: 20 de abril de 2022.

PROJETO RESGATE – CONSELHO ULTRAMARINO. *Biblioteca Nacional*. São Paulo, 27 de junho de 1731. AHU-ACL\_CU\_023-01, Cx. 7, d. 787. Disponível em: [http://resgate.bn.br/docreader/023-1\\_SP\\_MG/3824](http://resgate.bn.br/docreader/023-1_SP_MG/3824). Acesso: 20 de abril de 2022.

RIBEIRO, Lourival. *Medicina no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1971.

RIBEIRO, MM. *A Ciência dos Trópicos: a Arte Médica no Brasil do Século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

ROSENBERG, Charles. 'Framing disease: Illness, society and history'. In: Rosenberg, Charles. *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

SÁ, Magali Romero. A "peste branca" nos navios negreiros: epidemias de varíola na Amazônia colonial e os primeiros esforços de imunização. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 11, n. 4, dezembro de 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000500008>. Acesso: 07 de junho de 2023.

SALVADOR, frei Vicente. *História da América Portuguesa (1627)*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1976.

SILVA, Antônio de Moraes; BLUTEAU, Rafael. *Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de*

*Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A varíola no Brasil do século XIX. In: PIMENTEL, Franco; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MACIEL, Ethel Leonor Noia (org.) *Uma história brasileira das doenças*: Volume 4. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

SOUSA, Claudia Rocha de. As práticas curativas na Amazônia Colonial: da cura da alma à cura do corpo (1707-1750). *Amazônica - Revista de Antropologia*, [S.L.], v. 5, n. 2, Universidade Federal do Pará, 12 fev. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v5i2.1498>. Acesso: 07 de junho de 2023.

SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de; ARAUJO, A. J. G.; FERREIRA, L. F. Paleopatologia e Paleoepidemiologia: o estudo da doença em populações pré-históricas brasileiras. In: SANTOS, R. V. e COIMBRA JR., c. e.a (org.). *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

SNOWDEN, Frank M. *Epidemics and Society: from the black death to the present*. United States of America: Yale University Press, 2019.

SCHATZMAYR, Hermann G. A varíola, uma antiga inimiga. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, Dec. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2001000600024>. Acesso: 07 de junho de 2023.

TOLEDO JUNIOR, Antonio Carlos de Castro. História da varíola. *Revista Médica de Minas Gerais*, Minas Gerais, v. 151, fevereiro de 2004.

VASCONCELOS, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesus do estado do Brasil e do que obraram seus filhos n'esta parte do novo mundo em que se trata da entrada da Companhia de Jesus nas partes do Brasil, dos fundamentos que n'ellas lançaram e continuaram seus religiosos, e algumas noticias antecedentes, curiosas e necessarias das cousas d'aquelle estado*. Lisboa: A.J. Fernandes Lopes, 1865.

VIEIRA, Antônio. *Cartas do Padre António Vieira coordenadas e anotadas por J. Lúcio d'Azevedo (Tomo I)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. Um estudo sobre as boticas e os remédios dos jesuítas no Império Português (séculos XVII - XVIII). *História Unisinos*, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 464-474, 21 out. 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist.2019.233.13>. Acesso: 07 de junho de 2023.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. Entre homens de saber, de letras e de ciência: médicos e outros agentes da cura no Brasil colonial. *Clio - Revista de Pesquisa*

Histórica, n. 32.1, p. 5-27, 2014. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/24465>. Acesso: 07  
de junho de 2023.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*. 2012. 179 fls. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista —Júlio de Mesquita Filho, Campus de Franca. 2012.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. Saúde e doença para os primeiros doutores do Brasil Seiscentista: os tratados de Morão, rosa e pimenta. *XVIII Encontro regional (ANPUH-MG)*, 2012. p. 1-9.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências dos cirurgiões no Brasil-Colônia. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário mineral* (Org. Júnia Ferreira Furtado). Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro; Fundação Oswaldo Cruz, 2002.